



CDD: 372.5

### **C3: AÇÕES, INTERAÇÕES E ACONTECIMENTOS<sup>1</sup>: ARTE EDUCADORAS ENTRE ATIVISMO, ARTE E EDUCAÇÃO**

*Teresa Torres de Eça<sup>2</sup>*

**RESUMO:** Este artigo irá apresentar algumas perspectivas sobre arte-educação ativista e pesquisa participativa. A plataforma Inter-ACCION realizada por educadores de arte é descrita como um exemplo de processos de arte-educação utilizando conceitos como a/r/tography; investigação colaborativa, interatividade; entre-lugares e compromissos sociais. Tais conceitos são desenvolvidos pelos artistas/professores/pesquisadores e pelo grupo Inter-Ação denominado C3 nas suas ações e teorias através de fazer e gravar eventos de arte-educação, a fim de tornar o ensino de artes mais visível na sociedade usando ferramentas de coleta de dados, tais como vídeo, fotografia, texto e desenho e análise de dados usando o processo com base artística para a geração de reflexão, codificação e teoria.

**PALAVRAS CHAVE:** Arte ativista. Arte-educação.

#### **C3: ACTIONS AND INTERACTIONS EVENTS: BETWEEN ART EDUCATOR'S ACTIVISM, ART AND EDUCATION**

**ABSTRACT:** This article will present some perspectives on activist art education and participatory research. The platform Inter-ACCION held by art educators will be described as an example of art education working processes using concepts such as a/r/tography; collaborative research; in-between educational spaces, interactivity and social justice. Such concepts are embraced by the artist/teachers/ and researchers Inter-Action group called C3 in their actions and theories through making and recording art education events in order to make more visible arts education in the society using data collecting tools such as video, photography, text and drawing and analyzing data using artistic based process for reflection, encoding and theory generation.

**KEYWORDS:** Activist art. Art education

#### **C3: ACCIONES E INTERACCIONES Y EVENTOS: ENTRE EL ARTE DE EDUCADOR, ACTIVISMO, ARTE Y EDUCACIÓN**

**RESUMEN:** En este artículo se presentan algunas perspectivas sobre la arte-educación activista y la investigación participativa. La plataforma ACCION Inter en poder de los educadores de arte es descrito como un ejemplo de los procesos de educación artística utilizando conceptos como a/r/tografía, investigación colaborativa, interactividad, entre los lugares y los compromisos sociales. Estos conceptos son desarrollados por artistas / profesores / investigadores y el grupo Inter-Acción denominado C3 en sus acciones y teorías. Esta experiencia ocurre mediante la realización y registro de eventos de la arte-educación, con el objetivo de que la enseñanza de las artes sean más visibles en la sociedad. Las herramientas para la recolección de datos fueron: el vídeo, la fotografía, el texto y el dibujo y para el análisis de datos se utilizó en el proceso de base artística para la generación de la reflexión y la teoría de la codificación.

**PALABRAS CLAVE:** Arte activista; Arte-educación

<sup>1</sup> Nota: Uma versão reduzida deste artigo foi publicada nos Anais do II Congresso Internacional Matéria Prima, FBAL – Lisboa, Julho.2013.

<sup>2</sup> Mestre em Arte e Doutora pela University of Surrey (UK); Licenciada em Artes Plásticas pela Universidade do Porto (Portugal); Professora do ensino secundário (Viseu, Portugal); Pesquisadora do Núcleo de Educação Artística do Instituto de Investigação em Arte, Design e Sociedade (Porto – PT); Membro Fundador da Rede Ibero Americana de Educação Artística (Portugal); Presidente da Associação de Professores de Expressão e Comunicação Visual; Vice Presidente da International Society For Education Through Art (InSEA - Canadá); E-mail: [teresatorreseca@gmail.com](mailto:teresatorreseca@gmail.com)

**Recebido em:** 29/10/2013 - **Aceito em:** 09/12/2013.

## 1 ERA UMA VEZ...

Começamos pelo princípio, como todas as narrativas devem ter um início para que a compreensão dos fatos seja facilitada. Era uma vez um grupo de arte educadoras, que não era ainda um grupo, mas que por força de encontros e de reconhecimentos se foi construindo. Era uma vez, três mais uma arte educadoras que viviam num lugar muito longínquo e mágico, num tempo determinado, quando todos se interrogavam sobre a arte na educação. As culturas visuais; as autobiografias; as investigações narrativas; a investigação baseada nas artes e coisas assim. As quatro mulheres, eram artistas e professoras de arte educação. Também eram investigadoras porque faziam das suas vidas uma indagação quotidiana e sistemática. E, estavam a ficar cansadas de tanta conversa, de tanta teoria, de tanto falatório teórico, porque muito se falava, se teorizava, se conversava, se debatia sobre a arte educação, mas na verdade nada acontecia de verdadeiramente importante na vida dos arte educadores, e as práticas de arte educação estavam cada vez mais desligadas do mundo real. Foi assim que uma dessas arte educadoras, Maria Jesus Agra Pardiñas, se lembrou de criar uma plataforma de processos chamada Inter- Acción. A plataforma cresceu, ganhou tentáculos e foi-se alastrando. Mais tarde a mesma arte educadora criou a Célula C3, uma célula que se iria reproduzir por vários lugares.

## 2 INTER-ACCIÓN

Maria Jesus Agra-Pardinãs ciente das dificuldades que existem em disseminar investigação e prática em arte educação criou Inter-Acción<sup>3</sup> em 2010 na plataforma virtual Mydocumenta.com. A plataforma pretendia chamar metodologias inovadoras integrando teoria na prática através de processos e não de produtos .

... me propongo realizar y liderar -contando con la colaboración de Rita Irwin (Universidad de la Columbia Británica, Vancouver, Canadá y presidenta del INSEA y Teresa Eça (Presidenta de APECV, y miembro fundador de la Red Ibero Americana de Educación Artística), un espacio como lugar de encuentro INTER- acción en el que te invitamos a participar. Este espacio de encuentro será virtual y permitirá poner en conexión trabajos de investigación aplicada que se están llevando a cabo en diferentes universidades de nuestra geografía (AGRA-PARDIÑAS, 2010).

Neste espaço virtual foi possível enlaçar grupos e comunidades de investigadores que partilharam pesquisas, experiências e processos de trabalho e indagação relacionados com arte educação. Pretendeu-se abrir vias inovadoras, atuando como grupos críticos a partir da divulgação de trabalhos individuais e coletivos. Para

<sup>3</sup> Ver [http://www.mydocumenta.com/index.php?proyecto\\_token=9E66C14A28D32B8ADC76EED4A22BB2A8](http://www.mydocumenta.com/index.php?proyecto_token=9E66C14A28D32B8ADC76EED4A22BB2A8)

Maria Jesus Agra-Pardiñas e as suas companheiras (Cristina, Carmen e eu) o espaço Inter foi a concretização das suas ideias sobre a importância do fazer arte-educação e do agir arte e educação agora e aqui. Embora o aqui tivesse resultado numa geografia complexa. Inter foi sobretudo um espaço de materialização de uma ideia, de que todo o caminho se faz com pequenos passos, com atores anônimos, com pequenos projetos, mas que coletivamente formam uma inteligência coletiva capaz de gerar processos de mudança.

A plataforma Inter mostrou que era possível tornar visíveis múltiplas vozes com as quais se faz arte educação, não só através de registro escrito de resultados, mas também e, sobretudo através do registro sistemático dos processos utilizando toda a mídia que os arte educadores utiliza no seu quotidiano (fotografia, vídeo, narração, texto, som etc.). As fundadoras acreditaram que esse era o primeiro passo para uma aprendizagem interativa, construída a partir de uma rede que se vai tecendo.

O esforço trouxe contribuições de arte educadores, de países de línguas latinas, que tornaram visível o seu trabalho, originando novos conhecimentos e novas formas de aprender. Ao pretender ser pragmático e auto-reflexivo sem deixar de ser um espaço de livre acesso e circulação de informação Inter foi tecendo espaços individuais e coletivos onde é marcado o compromisso social, inerente a todo o processo educativo.

O Inter foi baseado nas propostas de Freire (1973), entre outros. Nomeadamente nas metodologias de colocação de problemas onde alunos e professores são co-investigadores à procura de conhecimento. Nós acreditávamos que essa abordagem poderia contribuir para uma renovação das praticas. Apelamos para a utilização de todos os meios de registro para construir auto-reflexões com todo o tipo de som e todo o tipo de imagem disponível. E, na verdade, com a facilidade tecnológica dos meios digitais e da comunicação pela Internet, isso abria campos vastíssimos. Nos projetos de Inter os participantes utilizaram instrumentos como foto-ativismo; performances; autobiografias visuais, ensaios visuais, ensaios animados, paisagens sonoras e instalações. Um leque variadíssimo de meios que abria horizontes largos para a investigação e para a maneira como falamos ou 'escrevemos' sobre a investigação (AGRA-PARDIÑAS; MESÍAS LEMA, 2011).

Uma das questões atuais na investigação baseada em artes prende-se com o tipo de discurso acadêmico que se utiliza para relatar as pesquisas efetuadas. Porque essas pesquisas, que são feitas no campo das artes ou da arte educação utilizando metodologias artísticas têm de ser relatadas através de discursos lineares segundo normativas redutoras que lhes retiram todo o sentido visual e metafórico? No nosso artigo publicado no *Internacional Journal of Education through Art*, relatamos este mesmo assunto de um modo visual usando as imagens não como ilustração do texto mas como narrativa que exprimia um processo artístico de reflexão e de pesquisa (EÇA; AGRA-PARDIÑAS; TRIGO, 2012). A revista *Internacional Journal of Education*

through Art (IJETA) publicada pela International Society for Education (InSEA) em colaboração com a Intellect Books é uma revista de reconhecido mérito acadêmico referenciada em várias bases de dados e com fator de impacto. Nessa revista existe uma seção para artigos visuais, denominada ' Visual Essays' onde se pretende precisamente divulgar teoria e prática relacionada com educação pela arte através de discursos não apenas linguísticos. Ao integrar este tipo de publicações os editores da revista IJETA reconhecem a necessidade de dar visibilidade a pesquisas feitas com metodologias baseadas nas artes, metodologias que têm mostrado cada vez mais interesse na área da investigação em arte educação.

### **3 C3**

...Sentimos a necessidade de resistir ativamente para criar outra narrativa de escola. Como comunidade temos que nos tornar visíveis, temos que atacar em todas as frentes nas escolas, nos museus, em centros culturais, nas comunidades. Apostar na educação infantil, apostar na arte como elemento de reconstrução social, nas mudanças de baixo para cima, no processo artístico como processo de investigação. As nossas estratégias de atuação são demasiado passivas, defensivas, baseadas em práticas sem contexto. Estamos a ser ignorados, se calhar já nem nas margens existimos, estamos de fora do discurso educativo e nem nos demos conta disso. Perdemos muito tempo a discutir superficialidades... Precisamos pensar os tempos e os espaços onde e como possamos estar presentes Precisamos definir estratégias de atuação, de resistência, de visibilidade, de ataque porque nós somos responsáveis pela educação artística e pelo que se está a fazer da educação artística nos nossos países, temos o dever de intervir, de tomar posições políticas fortes (RIAEA, 2008, p.8).

O grupo C3: Célula 3 foi criado pelas fundadoras de Inter-Acción como resposta a uma chamada da Rede Ibero Americana de Educação Artística (RIAEA) para a realização do seu segundo congresso. Baseando-se nas conclusões do primeiro congresso que tinha decorrido em Beja, Portugal em 2008, os elementos de C3 argumentaram que os congressos não eram a forma mais adequada de atuação para os arte educadores do espaço Ibero Americano que pertenciam à RIAEA.

O grupo definia-se no cartaz de divulgação pela Internet como ser integrado por células ativas que pretendiam realizar ações para tornar a arte visível numa sociedade de pessoas em perigo de perder a sensibilidade e a capacidade de se emocionar. Afirmava-se com um compromisso social de teor subversivo buscando novas estratégias de criação e debate criando células ativas autônomas multi-geográficas e interconectadas para lançar vírus artísticos.

### **4 ENQUADRAMENTOS**

Para nós, elementos do C3, não tem muito sentido perder tempo com a demarcação de lugares e de fronteiras entre os campos afins da arte educação. Não tem

sentido escavar os fossos existentes entre escolas, museus, centros culturais, centros sociais, centros terapêuticos onde se pratica arte educação. Interessam-nos os cruzamentos para percorrer os afastamentos. O que é realmente importante para nós não é perguntar por que estamos tão afastados da sociedade, mas sim saber quais os caminhos que podemos seguir para que arte educação e sociedade se encontrem de um modo transformador. Entendemos que os atores nos diferentes contextos têm que trabalhar juntos e para tal partimos de ideias como: criação de situações, *work in progress*, processo artístico e educação expandida desde o ponto de vista de movimentos de arte contemporânea colaborativos, ativistas e socialmente comprometidos.

Neste ponto seria necessário clarificar o que designamos por processos de arte contemporânea colaborativos, ativistas e socialmente comprometidos. Embora não possamos descartar as conotações modernistas e pós-modernistas do termo arte do vocabulário da arte educação, quando falamos arte ou processos artísticos englobamos todo o tipo de objetos, situações e processos pelos quais os indivíduos e as comunidades têm comunicado os seus sentimentos e interessam-nos, sobretudo os processos artísticos colaborativos que desde o início da humanidade se observam em grupos sociais. Acreditamos que partir da prática das artes colaborativas as pessoas, individualmente ou em grupo, utilizam percepções não lineares e desenvolvem inteligências emocionais encontrando modelos metafísicos e espirituais que os ajudam a ser e a estar no mundo.

Interessa-nos resgatar os processos artísticos de indagar e de fazer onde os participantes sejam os autores/atores principais na criação de situações geradoras de desconhecido e de flexibilidade. De entre estes processos poderemos trazer práticas de arte colaborativa que utilizam inúmeras formas de arte e são caracterizadas pela interação e pelo diálogo com a comunidade, tais práticas poderão ser comparadas a rituais, ou situações, de aprendizagem onde os participantes pensam os processos de criação artística e as suas relações com o aprender para discutir as suas contribuições conceptuais, ideias, opiniões, palpites, perguntas, noções, pensamentos, obsessões, formas, assunções, conjecturas e sonhos de modo a construir uma análise crítica das suas vidas (AGRA-PARDIÑAS, 2007, p. 9). Além disso, tais formas de arte, socialmente comprometidas, integram também algumas finalidades da educação que são desenvolvidas em escolas, universidades, museus e outros lugares de educação não formal. Ao utilizarmos este tipo de arte comprometida estamos também dentro de linhas de investigação que se praticam em vários lugares das ciências sociais tais como métodos de investigação participativa ou colaborativa; investigação-ação; investigação baseada em artes e *artography*, trazendo assim maneiras diferentes de compreender a teoria e a prática em arte educação (IRWIN; DE COSSON, 2004).

## 5 SITUAÇÕES

Temos trabalhado na criação de situações artísticas e educativas, das quais falaremos mais adiante.

Essas situações têm sido colaborativas com a finalidade de promover o conhecimento de si e do outro, num enquadramento transcultural. A nossa força é de resiliência, não nos podemos definir como um grupo de educadoras ou de investigadoras formal, tampouco de artistas, trabalhamos e vivemos, entre lugares, embarcamos nas metáforas que vão surgindo no mar de possibilidades onde navegamos. Utilizamos aqui a metáfora do 'navegar', que fomos buscar aos estudos sobre comunicação pela Internet, porque não podemos deixar de nos situar também numa geografia global e virtual. Mas para além das metáforas comuns dos cibernautas do navegar e da imersão acreditamos que neste momento urge repensar os modos como transpomos fronteiras e criamos representações e utilizar metáforas mais subversivas, como por exemplo 'submergir', que foi usada pelo grupo C3 na conferência 'Atravessar Pontes entre Escolas e Museus' (MUSEU DE SERRALVES, 2012).

Submergir pretendia dar visibilidade às vozes dos participantes sobre o seu papel nos museus e sobre o papel dos museus nas suas vidas. Os participantes foram convidados a escrever algumas respostas ou outras perguntas a partir das três perguntas iniciais colocadas pelas facilitadoras: 'Que papel eu tenho hoje no museu?'; 'Que papel quero ter no museu?' e 'Escreve o que e sugere a relação Museu-Escola'. Nesta ação pretendíamos demonstrar que fazemos parte de comunidades de prática, cada um tem um papel importante a assumir. Mais tarde continuei esta ação num seminário sobre o mesmo tema no Laborarte<sup>4</sup> na UNICAMP, no dia 12-12-12. Em Campinas-SP a reflexão começou a partir das palavras escritas pelos participantes do Porto, para ser desenvolvida verbal visual e corporalmente através de uma performance com cartazes habitáveis. Para nós é importante sair dos lugares confortáveis da palavra e da escrita e ousar incorporar conversas, discussões, reflexões em grupo, por incorporar entendemos a integração de todos os sentidos do nosso ser sem a dicotomia corpo e espírito.

As situações que advogamos estão em parte ancoradas no conceito de educação expandida e 'edupunk'<sup>5</sup>. Por educação expandida entendemos pedagogias relacionais colaborativas, que facilmente se aliam aos processos artísticos colaborativos, são métodos de relacionamento com finalidades de aprendizagem em rede que se vão

---

4 Laboratório de estudos sobre Arte, Corpo e Educação, Faculdade de Educação – UNICAMP. Ver <http://www.fe.unicamp.br/laborarte/>

5 Tradução do conceito '*Do it Yourself*' para o campo educativo, apelando para o envolvimento dos utilizadores a partir da criação das suas próprias tecnologias e publicação livre da informação recebida, transformada e gerada por eles.

construindo de modo coletivo utilizando os recursos de tecnologias de comunicação com ferramentas digitais. Neste tipo de conceito educativo não existem barreiras entre produtor e consumidor, sendo a distribuição assegurada por sistemas de conteúdos abertos. São abordagens a métodos de aprendizagem a partir de pedagogias coletivas estruturadas em rizoma que podem promover múltiplos enunciados de conhecimentos e desenvolver capacidades e ferramentas através de relacionamentos de partilha, negociação e espaços auto-gerados através da ação. Neste sentido a pedagogia coletiva é composta por variados métodos de trabalho, como sistemas caóticos, mas que se organizam em função das necessidades de resposta a determinadas circunstâncias, contextos e limitações. Um pouco na linha da pedagogia de Paulo Freire (1973) na medida em que se rejeitam as tradicionais relações 'top down' de poder entre alunos e professores. Relações essas que têm sido mantidas mesmo quando a educação utiliza meios de comunicação digitais como, por exemplo, a plataforma de ensino à distância mais popular nas escolas e universidades portuguesas e brasileiras denominada 'moodle'.

Queremos voltar ao conceito de círculo de cultura de Freire (1973) onde se propunha um sistema dialógico de educação em que o papel do professor era o de facilitador ou coordenador de situações de aprendizagem. E as situações de aprendizagem são processos de incorporação.

## **6 INTERSTÍCIOS- LUGARES INTERMÉDIOS ONDE A EDUCAÇÃO SE ENTENDE COMO UM PROCESSO**

Tendo em conta a necessidade de buscar espaços de criação e de educação partimos também dos conceitos artográficos proclamados por Rita Irwin (a/r/tography) criando espaços para situações entre as fissuras das instituições educativas e culturais. O conceito de a/r/tography pode ser descrito como sendo uma forma híbrida de investigação ação. Os a/r/tógrafos como contadores de histórias partem de processos de identidade, memória, reflexão, meditação, interpretação e representação (IRWIN e de COSSON, 2004) para a procura do conhecimento, movendo-se na interface da produção artística, pesquisa e prática pedagógica.

A nossa pergunta constante é de como nos podemos mover entre arte e educação do ponto de vista dos múltiplos discursos contemporâneos. Como podemos criar relações transformadoras entre as pessoas anônimas destituídas de poder de decisão e validação e as instituições elitistas que detêm as prerrogativas da certificação e validação dos conhecimentos e das artes, ou seja, dos circuitos pesados da educação formal e dos circuitos elitistas da arte. Aí reside o nosso 'work in progress', uma montagem/colagem constante onde evocamos o nomadismo e a transiência. Estamos permanentemente em transito, as nossas geografias de arte e educação partindo do local

e das pessoas reais terão que ser obrigatoriamente cartografias em movimento, onde se possibilite a navegação, a imersão e a submersão. Nada é permanente, tal como no conceito japonês de *wabi-sabi*, a educação e a arte como processos cruzados possibilitam esse nomadismo que em última instância facilita o caminho entre as fissuras - como estratégia de criação e aprendizagem. Nestas geografias íntimas e fluídas entendemos a criação de situações de aprendizagem através das artes, como uma procura para escolher um lugar.

Onde o que interessa realmente é o sentido do ser e do estar. Os lugares únicos do experimentar para que se construam os conhecimentos a partir das combinatórias de experiências, informações, leituras, sensações e imaginações.

## **7 UMA AÇÃO LEVADA A CABO NO JARDIM ZOOLOGICO DE LISBOA <sup>6</sup>**

Nesta parte relatarei uma ação de aprendizagem levada a cabo no Jardim Zoológico de Lisboa, em abril de 2013, que ilustra os lugares intermédios de que falamos anteriormente, onde a educação se entende como um processo colaborativo, artístico e ativista. A ação foi realizada na modalidade de curso de formação ao longo da vida, durante três dias, no Jardim Zoológico de Lisboa, com a dinamização do facilitador da área de expressão corporal Marcos Pinheiro, e dos Técnicos do Centro Pedagógico do Jardim Zoológico de Lisboa, o biólogo Tiago Carrilho, e a coordenadora do Centro Pedagógico Antonieta Costa. Participaram 15 pessoas, uma do gênero masculino e 14 do gênero feminino, com idades compreendidas entre os 20 e os 50 anos. Eram professores de várias disciplinas e de vários níveis de ensino: biólogos, sociólogos, técnicos e colaboradores do Centro Pedagógico do Jardim Zoológico de Lisboa e estudantes universitários do curso de Biologia. Houve um questionário pré e pós-formação com o objetivo de medir os conhecimentos prévios e os conhecimentos adquiridos bem como opiniões prévias e opiniões depois do curso. A maioria das pessoas não vinha ao Jardim Zoológico de Lisboa há algum tempo e, embora tivessem conhecimento de algumas mudanças, não tinham ideia da sua evolução, tendo feito sugestões no questionário pós curso no sentido de se ampliar este tipo de ações, utilizando a transversalidade de conhecimentos interdisciplinares que se podem obter neste espaço, tendo em conta que os alunos aprendem mais em situações não formais. Todos concordaram ainda que há várias disciplinas curriculares em que se aplica a educação ambiental, para além de disciplinas no campo da ciências, como a educação visual, a matemática ou as línguas.

---

6 O relato visual desta ação pode ser consultado em:  
[http://www.mydocumenta.com/index.php?proyecto\\_token=1784C246976957063A954C9A8C8527C9](http://www.mydocumenta.com/index.php?proyecto_token=1784C246976957063A954C9A8C8527C9)

Este curso foi pensado em parceria entre a Associação de Professores de Expressão e Comunicação Visual (APECV) e o Centro Pedagógico do Jardim Zoológico de Lisboa. Foi pensado para pessoas de diferentes áreas e idades como uma ponte para promover a transdisciplinaridade a partilha de conhecimentos, entre a arte, a educação e a conservação. Na junção dos temas as autoras da ação (Teresa Eça e Maria Antonieta Costa) delinearão uma estratégia de aprendizagem colaborativa onde as artes e as ciências pudessem ajudar as pessoas que trabalham ou que poderão vir a trabalhar em contextos educativos a desenvolver projetos interdisciplinares nas suas comunidades. Acreditou-se que tal ação seria adequada para todos aqueles que tal como a Vera mostrasse 'fome por conhecimento' e 'vontade de abrir novos horizontes' (Vera, Relatório crítico do curso). Os participantes mostraram-se curiosos: *“Inscrevi-me no workshop porque como bióloga, conservação é um tema que me suscita interesse assim como a educação ambiental. O ‘pela Arte’ suscitou-me alguma curiosidade e achei que seria interessante a ligação”* (Rita).

Sobretudo pensou-se numa ação com diferentes públicos onde todos e com todos se construíssem possibilidades de aprendizagem colaborativa com recurso à arte contemporânea tal como tem vindo a ser feito no projeto Comparangoleiros desenvolvido por professoras da APECV presentes na ação (Cristina, Teresa e Isabel). Do projeto Comparangoleiros foi integrado o conceito de parangolé do artista Brasileiro Hélio Oiticica que introduz o objeto de arte total, uma pintura habitável que se pode vestir e dançar. Pensou-se que através da criação de parangolés e de uma performance de grupo se poderia comunicar sobre educar para conservar. O Jardim zoológico foi o espaço e o ponto de partida para a reflexão sobre a conservação das espécies e a educação para a sustentabilidade, o parangolé o espaço pictórico e cinestésico de reflexão sobre fauna e flora e sobre a relação de cada um de nós com o ambiente. *“Foi uma experiência indispensável no meu percurso académico. Aliás, confirmou a minha grande vontade de colaborar em atividades educativas, principalmente relacionadas com a biologia como no Zoo”* (Afonso).

Para os mais novos, estudantes de biologia, foi uma experiência entre-lugares que abriu portas para o papel da educação no desenvolvimento sustentável. Para os professores com experiências profissionais muito ricas, foi uma ação diferente das que normalmente têm em formação ao longo da vida.

*Esta formação foi além da arte contemporânea per si, como ferramenta na sala de aula, toda esta abordagem metodológica... teoricamente me enriqueceu, sobre o ambiente, a conservação e o papel que os novos jardins zoológicos têm na sociedade, fez-me pensar e reforçar a ideia que a Arte corporal, gráfica, musical, vocal consegue criar uma união de uma turma, diria torna-la um todo a partir de um conceito artístico... (Alexandra, professora de arte no ensino especial e ensino médio).*

Cada momento proporcionou uma nova aprendizagem onde os interesses das pessoas se fundiam e se despertavam, segundo Cátia: “*a conservação animal é um fato essencial em ter em conta nas nossas vidas, o gosto por todo este mundo de beleza e encanto move-me a uma velocidade extraordinária, dá-me força, faz-me viver, o som, as cores, os comportamentos*”. O grupo foi o grande elo de aprendizagem, funcionou como um todo, onde cada participante tinha um papel essencial para a construção da aprendizagem, uma aprendizagem natural sem constrangimentos:

*O grupo que se reuniu nesta formação foi muito cooperante e simpático e a atividade decorreu quase como uma brincadeira divertida, que é exatamente o que eu sinto que as artes podem fazer pela humanidade, facilitar a transmissão de mensagens de uma forma envolvente e intuitiva, consequentemente facilitar a apreensão dos conteúdos (Augusta, professora de arte no ensino médio).*

De fato, as artes foram como dizia Augusta, o elo facilitador da construção de aprendizagem. Os instrumentos de aprendizagem foram centrados no fazer, tendo como traço característico ferramentas para explorar ações criativas. Lúcia escrevia no seu relatório: “Entre a fauna e a flora, fomos estimulados para novas descobertas, novas composições de paisagem procurando um estímulo para que o meu parangolé expressasse os sentimentos que não podiam ser ditos apenas, com as palavras e sim com a expressividade corporal”. O método utilizado, de aprendizagem em rede, misturando pessoas de diferentes áreas e idades foi de fato enriquecedor e chave para o sucesso da ação :

*Conheci pessoas maravilhosas, passei por momentos fantásticos, aprendi muito... Observei, refleti, senti os diferentes espaços, cheiros, sons, as diferentes maneiras de socializar, as estratégias de alimentação e reprodução exercidas por diferentes espécies de animais, com este curso aprendi e verifiquei a enorme preocupação em tentar manter ao máximo os habitats naturais e os seus comportamentos (Cátia) .*

A ação despertou nos participantes diferentes tipos de interesse através do cruzamento de diferentes linguagens apelou à utilização de todos os sentidos de uma forma integrada. Para Inês a ação foi um desafio:

*Aprendi muito com este curso, fez-me sair da minha zona de conforto, que era mais focada para a ciência, não para a arte e aquele fim-de-semana uniu os dois lados. Gostei da criação dos parangolés, do dinamismo que criamos com os parangolés e do que aprendemos através deles e, essencialmente, do que aprendemos uns com os outros, técnicas, experiências e conhecimentos, não só a partir dos formadores, como entre os formandos (Inês, estudante de Biologia).*

O conceito de arte dos participantes foi alargado para a área das artes comprometidas socialmente: “Para além de conhecimentos biológicos, foram mais desenvolvidas competências artísticas que, a meu ver, foi bastante importante para despertar na consciência de cada um, que a arte, é mais que uma obra estática, é um

objeto interativo, acessível a todos, compartilhado e carregado de sentimentos que despertam na pessoa algo que até ali nunca antes tinham sentido” (Margarida).

Em jeito de conclusão, ficam as palavras de Patrícia, participante da ação do Jardim Zoológico de Lisboa, que tão bem ilustram o que pode acontecer depois de se ter vivido uma situação de aprendizagem baseada em conceitos de educação expandida e arte colaborativo e socialmente comprometido realizada em contextos de aprendizagem ao longo da vida:

*No final, acabei por aprender imensas coisas, de uma forma simples e divertida. Aprendi a trabalhar temas importantes em grupo, formas de interação entre um grupo, e como utilizar a performance como meio para transmitir uma mensagem. Foi especialmente importante para mim, pessoalmente, uma vez que contribuiu para o meu desenvolvimento pessoal, com a quebra de algumas inibições. Este curso foi uma experiência única, que me ensinou que não existe apenas uma forma de aprender e/ou ensinar, mas sim uma imensidão delas. Basta apenas ter imaginação, observar e apreciar atentamente o que nos rodeia, ouvir e partilhar com os outros, e claro, ter vontade de mudar e agir! (Patrícia).*

## REFERÊNCIAS

AGRA-PARDIÑAS, Maria Jesus; MESÍAS LEMA, José Maria . Questions before the words an educational space, a stimulating space. **International Journal of Education Through Art**, Bristol, UK, v.7, n.1, p. 7–26, 2011.

CONGRESSO IBEROAMERICANO DE EDUCAÇÃO ARTÍSTICA, 1., Porto, 2008. **Atas digitais do...** Porto: APECV, 2008. Disponível em: <http://www.apecv.pt/pareceres/conclusoesCIAEA2008.pdf>. Acesso em: 01 mar. 2013.

EÇA, Teresa Torres de; AGRA-PARDIÑAS, Maria Jesus; TRIGO, Cristina. Transforming practices and inquiry in between arts, arts education and research, **International Journal of Education through Art**, Bristol, UK, v.8, n.2, p.183–190, 2012.

FREIRE, Paulo. **Education for critical consciousness**, New York: Seabury. 2012.

IRWIN, Rita L.; COSSON, Alex de. (Ed.). **A/r/tography: rendering self through arts based living inquiry**, Vancouver: Pacific Educational Press, 2004.

***Agradecimentos***

Agradeço às minhas amigas Maria Jesus Agra-Pardiñas, Cristina Trigo e Carmen Franco, fundadoras de Inter-accion e da primeira C3 por terem-me ajudado a compreender o que é verdadeiramente importante na arte e na educação: o humor, a alegria, a vontade de provocar situações, de amar e de acreditar. Agradeço-lhes terem-me acolhido nos seus risos e nos seus sonhos, sem ter que explicar muito, apenas fazendo e acontecendo.

***Como citar este texto:***

EÇA, Teresa Torres de. C3: ações, interações e acontecimentos: arte educadoras entre ativismo, arte e educação. **ETD - Educação Temática Digital**, Campinas, SP, v. 15, n. 3, p.495-506, set./dez. 2013. ISSN 1676-2592. Disponível em: <<http://www.fae.unicamp.br/revista/index.php/etd/article/view/5561>>. Acesso em: 21 dez. 2013.